

Temaliva

À Biblioteca Pública de
Braga

14
JULHO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Um mal nunca vem só

Pereceu de desastre e, ao mesmo tempo, ardeu-lhe a casa

Por: — Narciso J. Gonçalves

No passado dia 7, cerca das 22 horas, no Largo do Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, aconteceu o inédito.

Quando o construtor civil, Joaquim de Barros (o Pardelho), se dirigia para sua casa sita no lugar do Outeiro, da freguesia de Ferreiros, deste concelho, precisamente na curva que dá para Caldelas embateu violentamente, frente a frente, contra João de Araújo, empregado comercial ao serviço da firma Alvaro Gomes, desta localidade, que se dirigia em sentido contrário.

Do embate resultou ficarem ambos em estado de choque, pelo que, socorridos prontamente por populares que se encontravam perto do local do sinistro, foram depois, transportados na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Amares para o Hospital de S. Marcos, em Braga.

Duas horas volvidas, e talvez no momento em que o Joaquim se debatia entre a vida e a morte, a sirena do quartel dos Bombeiros fez-se ouvir estrondosa e insistentemente anunciando fogo. E logo se soube ser na casa do infeliz Joaquim de Barros.

Na verdade, e porque sua esposa o acompanhara ao hospital, como era seu dever, encarregou esta um seu irmão de 14 anos de velar por três criancinhas que eram a riqueza do seu lar, prestes a desaparecer. Talvez para que as crianças não tivessem medo, o tio deixou acesa sobre a mesa de cabeceira uma vela que, consumida até o fim, lhe pegou fogo que alastrou por toda a casa num ápice, reduzindo tudo a cinzas. Valeu às crianças o terem-se apercebido a tempo do incêndio, ficando sãs e salvas daquele pandemónio. No entanto, manhã alta, o infeliz pai dava a vida ao Criador e, no dia seguinte, morria também o outro ciclista.

Poderá dizer-se que estas

coisas acontecem. E é verdade. Não me atrevo, porém, caro leitor, a intrometer-me nos designios de Deus sobre estes acontecimentos. Por Sua graça ainda tenho fé. Aceito, pois, não «um tinha que ser determinista»; «já tinha a dele marcada para ali!».. e tantas outras expressões que se ouvem de boca em boca. Eu só concebo o homem responsável pelos seus actos, quando livre. E só o aceito livre, quando for senhor desses mesmos actos. Antes de agir, de tomar qualquer atitude ou resolução, eu tenho, forçosamente, de pensar e não proceder maquinalmente. É característica máxima do ser humano o pensamento. No pensamento reside a força do progresso, o avanço da técnica o bem-estar humano-social dos povos. O homem como que se aproxima mais de Deus seu criador nessa manifestação sublimada do potencial anímico que o exalta diante dos outros animais. Isto para concluir que os ciclistas deviam ver neste triste acontecimento um exemplo de fazer arripiar caminho.

Efectivamente — e bem o pode dizer quem anda diariamente pelas estradas do País — as motorizadas foram a maior praga que apareceu ao tráfego de veículos, não só por carência dos mais rudimentares conhecimentos do código da estrada, mas também por falta de prudência e ponderação nos actos da condução ciclista.

Dotadas em princípio de pequenos motores auxiliares, hoje, com o aperfeiçoamento técnico que lhes foi introduzido, desaparecem como relâmpagos na estrada essas motoretas. São, às vezes, esses condutores improvisados, duma inconsciência revoltante. Para exemplo vou contar que moro numa rua com pequeno declive. Pois, não queiram saber! É tal a velocidade que imprimem

ao veículo de duas rodas que estou sempre a recear aconteça algum desastre... E, depois, a falta de estabilidade, pisos molhados e irregulares, densidade de transeuntes, aproximação de escolas que, apesar de sinalizadas, não respeitam, tudo isto mais avoluma a possibilidade do irremediável.

E mais, caro leitor! Normalmente esses condutores não têm seguro e não possuem quaisquer bens que respondam por danos causados a terceiros. Urge que o Governo tome urgentes medidas de segurança a favor das populações e, até, para bem dos incautos.

E a tragédia consumou-se. Um lar em que não faltava o sorriso dos filhos, o aconchego e dedicação duma esposa atenta; em que havia paz e amor, fica para sempre desfeito!...

Na viuvez inconsolável fica uma pobre e jovem mulher com três órfãos ao colo!...

Que Deus nos acuda.

O que há em Caires?

O último número deste semanário relatava «uma cena lamentável que se passou nesta freguesia entre dois personagens muito conhecidos...»

Realmente, eu sou conhecido não só em Caires, mas, também, aquém e além-mar, e a referida notícia, porque era lacónica e confusa, podia oferecer ensejo a más interpretações e, assim, injusta e imerecidamente, eu ser mal julgado pelos leitores.

Por isso, e para esclarecimento de todos, desafio,

«Continua na 4.ª página»

Falem, com os demónios...

O nosso Secretário da Informação, dr. Moreira Batista, um dos mais fluentes Ministros que tenho conhecido, há dias, na sua última conversa com os telespectadores, abordou considerações curiosíssimas sobre o dever da Imprensa no nosso país e até declarou: Liberdade de Imprensa? Onde? Quem não impõe restrições? De desejar seria — dizia ele — mesmo com o condicionamento actual, independentemente de posições políticas pelas quais cada um opta, usar a Imprensa, se cada tivesse sempre presente o interesse nacional.

Também nos disse que sabe perfeitamente logo se argumentar de o interesse nacional poder servir-se de várias formas e só ser saudável o pluralismo das opiniões emitidas. *E até nem seria difícil admitir a tese, desde que não fosse usada para conseguir o ataque a valores que não podem ser postos em causa.* Daí, porém, até verificarmos que a Imprensa não colige elementos capazes de orientar o Estado no seu bem querer de modificar certas e determinadas questões, nem sempre com aquela acuidade ansiada, vai um abismo. É que a Imprensa nada indica a dar lugar ao preconcebido bem comum nacional.

E então contou uma história de um dirigente francês, indignado pelo silêncio duns tantos sobre assunto de interesse nacional, que proclamava «Falem, com os demónios» e aconselhava a nossa Imprensa a fazer o mesmo.

Desse conselho nos servimos para falar, com os demónios...

O nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros esteve em Copenhague na semana de 16 do corrente, na reunião de trabalhos do Conselho de Ministros da Aliança Atlântica. Entre o trabalho iniciado referiu-se à Conferência de Segurança e Cooperação da Europa, para salientar o completo relatório sobre a segurança no Mediterrâneo. E sugeriu a atenção da assembleia para o

facto de barcos russos através daquele mar afectar as áreas subsequentes, permitindo que se vejam aqueles navios demandar Conacri, Ponta Negra e Dar-Es-Salaam, além doutros portos

«Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

«Lírico»!

Tenho, para mim, que cada homem é uma excepção. A minha vida foi e é quase toda pautada por esta sensibilidade.

Daí concordar com o meu ilustre (e neste ilustre não está o menor visado de depressão) interlocutor que se arremeteu com o sadio artigo «Panorama», do n.º 555, de 30 de Junho último, no qual me apelida de «Lírico».

Só acontece que a minha Coluna, escrita a correr talvez não tivesse completado bem o meu pensamento; talvez lhe tivesse faltado alguma linha, ou minha ou da impressão. Não sei! É que a Gulbenkian encomendou uma partitura sob um desejo, que é diferente de eleger um artista sob a própria inspiração...

No fundo desta minha discrepância, possível é que exista algo de tremendamente crítico entre a inteligência e a criatividade. Hemingway e outros — por exemplo — como Joyce, Proust, Spengler e mesmo Gide, talvez fossem dos menos criadores deste século porque, animados da maneira materialista a que nos votamos, limitaram-se à análise da nossa verdadeira desordem cultural.

Apesar disso tenho de me penitenciar, no intento em que reconheço a minha falta e quando disse «mandava cavar batatas» ao meu provável encomendador de um artigo, quis dizer — e subjectivamente compreende-se — não aceitar a temática desse

(Continua na 4.ª página)

Tradicionais Festas em honra do ANJO DA GUARDA - Preselo - Amares



Hoje à noite e amanhã o lugar da Ponte do Porto festeja o seu patrono Anjo da Guarda, festa que já vem sendo tradicional no nosso meio.

Hoje à noite arraiá minhoto com um afamado conjunto e vistosa sessão de fogo de artifício.

Amanhã grandiosa procissão e bazar durante a tarde com a participação de outro famoso conjunto.

Visite a Ponte do Porto

NÃO FUI EU, FOSTE TU

Não fui eu que te jurei e não cumpri
Foste tu que não cumpriste o que juraste,
Não fui eu que sem motivo te esqueci
Foste tu que sem razão me abandonaste.

* * * *

Não fui eu, louco por ti, que te deixei
Foste tu, cega por outro, que abalaste,
Não fui eu que sem motivo te esqueci
Foste tu que sem razão me abandonaste.

* * * *

Foste tu, somente tu, volto a dizer-te
Não fui eu, como tu dizes para aí,
Foste tu mulher perjura que mentiste
Não fui eu que jurei e não cumpri.

Alberto da Cunha

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Gasa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62143
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

No dia seguinte o juiz, por volta do meio-dia, compareceu no seu gabinete a fim de dar as ordens necessárias para que a noiva do réu comparecesse na sua presença.

Mal tinha entrado no gabinete, o escrivão disse-lhe:

—Está aí uma jovem muito bonita, que desde manhã cedo espera pelo senhor Juiz.

—E que quer ela?

—Não consegui sabê-lo. A rapariga diz que quer falar só ao senhor juiz.

—Bem... Mande-a entrar.

Momentos depois, a jovem estava na presença do juiz.

Era Dolores.

O magistrado mandou-a sentar, e disse-lhe:

—O que deseja a senhora da minha pessoa?

—Justiça, senhor doutor juiz.

—Para isso aqui estou. De que se trata? Fale.

—Senhor doutor Juiz: sou a noiva de Mário Fernanflor.

—Ah! — exclamou o juiz, simultaneamente surpreendido e satisfeito.

—O senhor doutor Juiz esperava-me?...

—Esperava vê-la e ia dar as ordens necessárias para que comparecesse aqui.

—Mário falou a meu respeito?...

—Nem sequer pronunciou o seu nome. É um cavalheiro, embora criminoso. Eu é que desejava vê-la e falar-lhe para desembaraçar esta meada e fazer justiça.

—É isso mesmo o que eu peço ao senhor doutor Juiz. O meu caso é muito triste, muito doloroso. Sou uma mulher honesta, e as aparências—são todas contra mim—apresentam-me como se fosse uma mulher perdida!

—Fale, fale à vontade. Não me oculte nada! Ouvei-la-ei com a mesma atenção de um confessor.

—Antes de tudo, juro pelo amor que tenho a Mário, que é a pessoa a quem mais quero no Mundo, que a mulher que estava no gabinete reservado com D. Leandro, não era eu.

—Não basta jurar. É preciso demonstrar!

Juiz... —Para isso aqui estou. Tenho testemunhas, senhor doutor

—Tanto melhor!

—Vossa excelência julgará. Eu trabalho no bazar do senhor Castrejuana, há um bom par de anos.

—Em que secção?

—Na perfumaria.

—Continue.

—Na mesma casa trabalhava a senhora Filipa, uma mulher de sessenta anos que foi, quando nova, cantadeira de flamengo, conhecida no mundo artístico por «Cigarra de Ouro». A pobre, depois de ter tido uma vida feliz, ocupa agora o mais baixo lugar, a esfregar casas no bazar de D. Leandro.

—Misérias da vida — comentou o juiz.

—Eu e a senhora Filipa, por uma questão de simpatia, tornámo-nos amigas. A mim, sinceramente, causava-me pena ver a pobre criatura, daquela idade, e já sem forças, arrastando-se pelo chão num esforço supremo, a esfregar a casa, tanto mais que a pobre mulher não tem ninguém no mundo, nem recursos!

«Muitas vezes eu, que vivo pelo coração, embora não me fique bem dizê-lo, repartia com ela o meu almoço, e a pobrezinha, que é uma pessoa honesta e leal, abria-se comigo e contava-me as suas penas.

«Ora há-de haver quinze dias, a senhora Filipa, sempre pontual, deixou de comparecer no estabelecimento a cumprir o seu dever. E posso garantir-lhe, senhor doutor juiz, que o cumpria bem embora com sacrifício, para ganhar apenas duas pesetas que D. Leandro lhe dava.

—Uma miséria comentou o juiz.

—E ganhava só nos dias em que esfregava, embora estivesse ali às ordens! Ora, como passassem dias sem a pobre mulher desse sinal de vida, o que me causou muita estranheza; perguntei por ela, mas ninguém sabia dela nem com ela se importava, como se em vez de empregada da casa fosse um cão da rua:

«Quer parecer-me, senhor doutor Juiz, que embora a sua categoria fosse subalterna, nem por isso deixava de fazer parte do pessoal da casa!

—Absolutamente!

—Cheguei a perguntar no escritório a morada dela. Pois imagine Vossa Excelência que no escritório não tinham tomado nota da morada da infeliz! Isto indignou-me de tal maneira, que disse de mim para mim: Dolores...

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DO CONCELHO

Notícias do Concelho

Rui Marques da Rocha

Depois de 20 anos de ausência no Rio de Janeiro chegou à terra querida o sr. Rui Marques da Rocha, filho querido do sr. José Fernandes da Rocha, industrial e proprietário da célebre casa dos Gonçalves de Real, fundada por um tio do Sr. Rocha que no Brasil conseguiu, o que não é fácil, amealhar grande fortuna.

O visitante vem acompanhado da mulher e um filho, ficando a senhora que se chama Jorema, encantada com a terra do marido e espantada com o que é Portugal, por vese escarnecido do Brasil por brasileiros que nunca cá vieram. Oxalá que essa família, ao regressar aos ares cariocas, se convença que amar Portugal é amar o Brasil porque são irmãos.

Mais devemos acrescentar que o Sr. Rui faz anos no dia 17 e será nesse dia o maior da sua vida porque os festeja na casa onde nasceu

A Revolução Continua

O primeiro brado de alarme foi dado por Salazar em 1926. Esse brado referia-se à debilidade da Pátria exausta da excessiva retórica que chegou a imortalizar os homens que encontravam a multidão com promessas que não podiam cumprir porque o «bisturi» político, sempre afiado, encarregava-se de tolher os desejos dos homens bem intencionados. Passaram pelos ministérios verdadeiras capacidades patrióticas e a Presidência da República democrática de 1916 esteve entregue a figuras de grande valor e relevo moral. Desejo prestar hoje homenagem ao Dr. António José de Almeida, que cumprimentei no Rio de Janeiro em 1922. Não se podia governar com partidas naquele tempo e também hoje a prova está à vista na Itália esfacelada, enfraquecida e envergonhada.

Em Portugal acabaram as ambições desmedidas e descontroladas depois da miséria situação a que chegamos. Em Aveiro rebentou um foco desse incêndio num congresso democrático aí realizado que me parece ter sido o último canto do cisme. Continua a revolução e o Mestre falecido deixou ainda melhor discípulo porque deu um tiro que acabou para sempre com as convulsões sociais provocadas pelo desprezo a que sempre esteve sujeito o povo português a quem nada mais interessa senão aquilo que lhe foi dado por Marcello Caetano: Pão e

palmatória na mão em quanto for preciso manter em respeito algum filho desobediente.

Amarenses que chegam

O Sr. Augusto do Sacramento Costa, industrial e pessoa muito estimada, chegou com a família dos E.U.A. para onde regressará depois das férias que lhe desejamos alegres.

O Sr. José Tavares, colaborador da Tribuna, veio do Canadá aonde gosa de justo apreço pelas suas qualidades de bondade e inteligência.

Findo as férias lá vai continuar a luta pela vida.

António de Barros Gonçalves, a sua espantosa figura de comerciante que foi e de negociante que é actualmente, eleva-se pelas suas virtudes morais e qualidades de trabalho imenso levando a muitos lares a felicidade com a ajuda que lhes presta em participação de lucros em negócios ocasionais. Vive há muitos anos em Lisboa para onde foi muito novo e pouco instruído (era fruta do tempo). Mas na luta travada foi um herói até nas amizades que soube conquistar. Na Casa do Minho, embora não pareça, é a sua figura de tesoureiro que desempenha o papel mais saliente na propaganda da província. Cá o tivemos 24 horas, cá o abraçamos para mais uma vez lhe dizer Deus Super Omnia.

Portugal na América

É verdade que o primeiro navegador que chegou aos E. U. A. foi o português Miguel Côrte Real. Eis a prova dessa verdade publicada pelo Comércio do Porto, de 27 do Corrente.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carracedo

Amares

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Vida Alegre

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o sr. Manuel Veloso.

No dia 16 o sr. Augusto Justiniano Rodrigues.

No dia 18 o sr. José Gonçalves Leite.

No dia 19 o jovem Fernando Manuel Machado da Costa, ausente na América.

No passado dia 7 festejou mais uma primavera o menino Manuel da Silva da Cunha, filho do nosso assinante sr. José Cunha e de sua esposa D. Margarida Esteves, ausentes em França. Seus paisinhos e seu mano Domingos desejam-lhe muitas felicidades.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas

— Com o objectivo de criar mão-de-obra especializada, tecnicamente apta à execução de trabalhos agrícolas, relacionados, em especial, com o sector da fruticultura, vem a Estação de Fruticultura, em Setúbal, promovendo cursos práticos de formação profi.

— Destinado à preparação de capatazes fitossanitários, realizar-se á mais um, com início em 30 de Julho e final em 15 de Agosto.

— Esse curso, destina-se a empresários e trabalhadores rurais que pretendam ficar habilitados a orientar ou a executar os tratamentos que normalmente há que levar a efeito nos pomares de citrinos.

— Os candidatos deverão saber ler e escrever e fazer correctamente as quatro operações fundamentais da aritmética, e ter idade compreendida entre 15 e 55 anos.

— A Estação de Fruticultura, concederá alimentação, alojamento e um subsídio diário de 70\$00.

— Desta maneira apenas ficarão a cargo dos interessados as despesas de viagem de ida a Setúbal e regresso.

— Os candidatos a esse curso deverão dirigir-se, sem demora por escrito, à Estação de Fruticultura, Setúbal, solicitando a sua inscrição.

A Minha Homenagem

Faleceu, vítima da peste das motorizadas, o meu chorado amigo Joaquim Malheiro de Barros. Tinha esposa e três filhos tão pequeninos a quem ele amava profundamente.

A tua morte, Quím, acredita-me, comoveu até às lágrimas todos os que eram teus amigos e até inimigos. Mas tu não tinhas inimigos. Quem poderia sê-lo, sendo tu um rapaz tão sério, tão amigo dos teus amigos e tão alegre e folgazão?

Mas a morte levou-te. Para onde? Mas levou-te. E os teus amigos ficaram sem o melhor amigo. Os teus filhinhos ficaram sem pai. A tua esposa sem marido. Os teus pais sem o filho mais querido.

Só queria que visses como eras estimado e adorado por toda a gente da nossa terra.

Eu também te acompanhei até à tua última morada. E rezo pouco como sabias. Mas por ti rezei. Rezei com o coração e com fé. E pedi a Deus que te levasse para junto d'Ele.

Os que rezam pouco, quando o fazem é porque acreditam. E eu acredito que Deus, todo misericordioso, me tivesse ouvido e a todos que o mesmo fizeram e te receba na Bem-aventurança Eterna.

Descansa em Paz

Catolino

PECHINCHA

Quinta de Recreio e Rendimento

Vende-se na Ponte do Porto, freguesia de Prozelo, de grande rendimento em vinho, cereais, laranja e frutos vários, casa solarenga de senhorio e caseiro actualmente arrendada para tranquilidade de qualquer interessado. Soberbo panorama sobre o rio cávado e acessos automobilístico para qualquer veículo e ainda mato suficiente para as necessidades da área de cultivo.

Informa a solicitadora D. Maria Madalena Gomes da Silva Pinheiro em Amares

VENDE - SE

Prédio com o devido recheio e quintal. Com a seguinte exploração; Mercaria - vinhos, casa de Pasto, talho e aviário, tem água privativa.

VER E TRATAR COM

Manuel Gonçalves da Silva

ADEGA REGIONAL — FEIRA NOVA

FLASH

DUAS FINAIS

Realizou-se no pretérito sábado a final da Taça José Bacelar, entre o F. C. Porto e o Boavista, no Estádio das Antas. E de notar a não comparência, a nível oficial, dum membro federativo, como é costume em finais.

O jogo esteve interessante — é preciso não esquecer que são equipas juvenis —, mas com saliência para a equipa do Boavista. Esta esteve mais senhora da bola, com jogadas bem urdidas, maior versatilidade, enquanto o Porto foi uma equipa pusilânime e muito faltosa, o que não é notável para a equipa «azul branca», pois é a campeã nacional de juvenis deste ano.

O Porto safu vencedor da contenda por um bambúrio. O defesa «axadrezada» Jorge passa a bola ao seu guarda-redes, mas este teve uma forte dor na perna que mesmo com largo sacrifício ainda quis captar o esférico que ia entrando paulatinamente nas redes. Um golo insípido e prouxo dador da vitória ao Porto.

Pela equipa do Boavista hemos em relevância Nini (teve uma forte câibra), Quim, Marco António e, mais tarde, José Costa (muito viril) que veio substituir

O que há em Caires?

seja quem for, provar que o P.e Luís proferiu ou profere palavras ou frases porcas, injuriosas, escandalosas ou ameaçadoras — jamais adquiriu tão feio hábito — e demonstre que o seu comportamento moral e civil é motivo de escândalo ou mau exemplo para o povo da paróquia onde habita.

Não é, portanto, pela sua «parte» — ainda que tentem metê-lo como actor desta farsa vergonhosa — que a sociedade de Caires começa a apodrecer, mas, sim, por aquele que embora constituído em autoridade, nos envergonha com o seu mau procedimento.

De resto, mesmo com notícias confusas ou mal redigidas, vexas ou acintosas — não sei em qual destes grupos poderei enquadrar esta — fui, sou e serei sempre «parte resistente de Caires», pelo que será difícil embrulhar-me.

Pe. LUÍS

Marco António. No lado do F. C. do Porto só Fernando e José Manuel merecem saliência. Nota bastante negativa foi o cambapé executado pelo portista Abílio ao «axadrezado» Ofélio.

No final do jogo, nas cabines do Boavista havia uma certa alegria e «um deixai lá para o ano ainda há Taça». Ouvimos o guarda-redes Igreja que ainda mancava:

— Compreende-se o golo. Eu tive uma câibra (ou lá como se diz) quando me atirei à bola. Não me foi possível captá-la, devido as fortes dores que tive.

Quando entramos nos balneários do Porto já se en-

Falem, com os Demónios...

africanos, na descarga de armamentos que ameaçam directamente os interesses ocidentais.

E salientou: basta pensarmos na segurança da *rota do Cabo*, pela qual passa grande percentagem de combustíveis destinados aos países da Aliança para nos preocuparmos com os focos da presença soviética.

Pois esta notícia, dada pela TV. portuguesa, no mínimo normal da sua informação, foi deturpada, com esta afirmação: E o nosso Ministro pôs de sobreaviso os seus pares para o facto de barcos soviéticos poderiam afectar Cabo Verde... e não a rota do Cabo como o dr. Rui Patrício referiu.

Daqui nos permitimos felicitar o Secretário da Informação, por ter alertado os telespectadores com a admissão de teses, desde que não fosse usada para conseguir o ataque a valores que não podem ser postos em causa.

Daqui, igualmente, optamos pelo seu «slogan»: Falem com os demónios... nem que seja conta a televisão que tem obrigação, mais que outra qualquer fonte informativa, de não deturpar o noticiário.

MILTÃO PORTO

«Tribuna Livre»

Propague e assine

Leia

contrava toda a equipa do Boavista a confraternizar bebendo champanhe e comendo bolachas os atletas mostravam a boa camaradagem que deve existir. Aqui ouvimos o capitão José Manuel: — Mandei a bola em profundidade. O defesa Jorge capte-a e passa ao seu guarda-redes que parece ter tido qualquer coisa.

No transacto domingo estivemos em Coimbra para assistir à final de Júniores, entre o Porto e Sporting. Os «azuis brancos» tiveram excelente vitória ao bater o clube de Alvalade por 1-0, pois foram mais batalhadores e mais voluptuosos. O golo foi de Eduardo Machado, que aproveitou um exímio passe de Gomes.

Não desenvolvemos mais, porque os jornais diários e desportivos fizeram grandes reportagens deste prélio. Somente queremos relevar Eduardo Machado, Gomes, Taborde e Jesus como os melhores moços em campo.

José Gonzales

5.ª COLUNA

<Continuado da primeira página>

artigo, o que é contra toda a dignidade de quem escreve. E eu, meu Caro Leitor, não sou escritor — sou simples escriba!

O que sou é contra a temática comunista, por exemplo, que obriga a sua literatura a arrigimentar-se pela ideologia.

Custa-me dizer, mas tenho de servir-me de Louis Aragon o director do maior semanário do mundo: «Les Letres Françaises»:

«Se vocês querem saber algo do que eu me envaideça é isto: não chorar quando a dor vem.»

E desta vez foi dor, pelo deslize...

Obrigado, meu Caro interlocutor, pela recomendação de maior cuidado...

EME ABRIL

Telefone dos Bombeiros

rus V. de Amares

6 2 1 6 2

Senhora das Angústias em Barreiros

No primeiro domingo de Agosto vão realizar-se as imponentes e tradicionais festividades a N.ª S.ra das Angústias, que se venera na sua capela de Barreiros - Amares.

Festa de velhas tradições, ela tem o seu ponto mais alto na imponente procissão, uma das mais ricas que se realizam no Concelho.



Os números são atraentes e duas Bandas musicais — uma no sábado outra no domingo — deliciarão os apreciadores da nobre arte.

Grandiosas sessões de fogo de artifício e preso e actuação de afamado conjunto encerrarão as festividades a N. Senhora das Angústias em Barreiros de 1973

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares